ENTREVISTA

Casal indignado com pena de 30 anos do filho preso na Venezuela

ERICA FRANCO
efranco@dnoticias.pt

O DIÁRIO tem acompanhado de perto o caso de Juan Francisco Rodríguez dos Ramos, luso-venezuelano, descendente de madeirenses, condenado a 30 anos de prisão por uma tentativa frustrada de assassinar o presidente Nicolás Maduro, em 2018.

Segundo o Comité pela Liberdade dos Lutadores Sociais e Presos Políticos, a juíza responsável pelo caso, Hennit López, limitou-se a identificar os acusados – Juan Francisco Rodríguez dos Ramos e também Juan Carlos Marrufo e a sua mulher Maria Auxiliadora Delgado – e a apontar a pena "sem indicar as provas" que os ligassem ao suposto golpe de Estado.

Em entrevista ao nosso matutino em 24 de Dezembro último, as filhas de Juan dos Ramos – Alejandra e Ana Cristina Rodríguez Ramirez – apelaram às entidades regionais e nacionais para que intercedessem pelo pai.

A Direcção Regional das Comunidades assumiu, posteriormente, que está acompanhar "com preocupação" situação e comprometeu-se a actuar pela via diplomática.

O DIÁRIO foi falar agora com Maria da Conceição dos Ramos, de 76 anos, e Abílio Rodríguez, de 90, pais de Juan, que reiteram a sua inocência e temem o destino do filho na Venezuela.

Maria da Conceição dos Ramos [MC] e Abílio Rodríguez [AR], pais de Juan dos Ramos

Idosos temem destino do filho, condenado por tentar assassinar Nicolás Maduro. FOTO HÉLDER SANTOS/ ASPRESS

O vosso filho foi condenado a 30 anos de prisão sob acusação de traição, terrorismo e conspiração contra o regime. Como é que têm vivido esta situação? [MC]: Tem sido horrível. Ele não matou ninguém.

[AR]: Uns matam e ao fim de um par de anos já andam soltos. Ele nunca teve problemas [com a justiça].

Voltemos um pouco atrás para perceber as origens do Juan. São naturais do Lugar de Baixo, na Ponta do Sol, mas também foram emigrantes na Venezuela. Como era a vida lá? [MC]: Vivi 60 anos na Venezuela e ele [Abílio] viveu mais. Ele veio a Portugal, casou comigo, voltou para a Venezuela e, depois, eu fui ter com ele já o meu filho mais velho era nascido. O Juan nasceu na Venezuela e Manuel, o meu filho mais novo, também (...). Primeiro estávamos em Caracas, mas depois o meu marido foi tentar a sorte por lá dentro e nós fomos também. Tínhamos um negócio e o meu filho que está cá na Madeira trabalhava junto com o pai. O Juan, quando terminou o bacharelato, disse que queria inscrever-se na academia militar. Eu disse logo que não, que ele devia ir para a universidade, mas ele não quis.

[AR]: Ele disse "a minha carreira agora é militar", agarrou nas suas coisas e lá foi inscrever-se.

[MC] Com os filhos é assim, temos de deixá-los escolher o que eles querem fazer na vida.

Arrepende-se, agora, à luz dos acontecimentos? [MC]: Não me arrependo, porque era o que ele queria. Nunca pensei que isto podia acontecer...

Como é que viu a Venezuela evoluir ao longo dos anos? Mudou muito? [MC]: Bastante... para pior (...). Quando eu cheguei lá, a Venezuela era o céu.

O que vos fez regressar à Madeira? [MC]: Eu cá gostava de estar lá, se o meu filho mais novo não tivesse dito que queria vir para a Madeira, eu nunca vinha. O Juan morava em Caracas e nós em Guacara – que é perto de Valência – a três horas de distância. Decidimos vir com Manuel, porque íamos ficar lá sozinhos. Chegámos [em Janeiro de 2018], depois da Maribel [ex-companheira de Juan].

> O MEU FILHO QUERIA CÁ MATAR O MADURO!? ERA TÃO BOM, NÃO QUERIA MATAR NINGUÉM

O vosso filho Juan esteve na Madeira pela última vez em Setembro de 2017, para trazer as vossas netas, mas resolveu regressar à Venezuela. O que acharam da decisão na altura? [MC]: Quando eu vim [cerca de quatro meses depois de Juan ter estado na Madeira] ele foi levar-nos ao Aeroporto de Guaíra e ele não quis voltar connosco, porque dizia que [a Venezuela] era a sua terra.

Quando ele foi preso, já estavam cá. Como é que receberam a notícia? [MC]: Nós já estávamos cá há um tempo, quando ele ligou e disse-nos que havia problemas e que ia ser preso (...). Não acredito em nada do que eles [regime] dizem, porque o meu filho era bom. O meu filho queria cá matar o Maduro!? Era tão bom, não queria matar ninguém. Era amigo, um bom filho e um bom irmão, não era [um criminoso]... Ele não era assim enquanto eu estava lá.

[AR]: O meu filho era um bom estudante, responsável, trabalhador...

Durante o tempo que viveram na Venezuela, o vosso filho era coronel da Guarda Nacional Bolivariana. Houve alguma situação que vos leve a pensar que ele possa ter estado envolvido no ataque com drones que visava Nicolás Maduro ou que ele mantivesse contacto com Juan Carlos Marrufo e Maria Auxiliadora Delgado? [MC]: Nunca ouvimos dizer isso. Ele só falava bem do [Hugo] Chávez, quando ele ganhou as eleições ficou contente, porque também era um militar como ele. Nunca o ouvi dizer mal do Chávez e do Maduro também não.

Diria que ele era, então, apoiante do regime? [MC]: Não sei... Na verdade ele nunca falava sobre ele [Maduro] connosco. Mesmo quando íamos a Caracas, nunca soubemos de nada (...). Ele apenas cumpria com o seu trabalho. Era muito trabalhador.

[AR]: O meu filho está inocente de tudo. Nunca viram ele falar em política, nem nada disso. Fazia o seu trabalho e nada mais.

Consideram, portanto, injusta a sentença emitida 9 de Dezembro de 2022? [AR]: Passou-se alguma coisa. Algum indivíduo que não gostava dele (...). São tudo mentiras.

Acham que ele pode ter sido vítima de uma conspiração? [MC]: Não sabemos o que se passa lá.

Durante estes quatro anos em que ele esteve em prisão preventiva, quantas vezes puderam comunicar com ele? [MC]: No princípio, quando ele foi detido, não era muitas vezes, mas falávamos. Falámos umas três ou quatro vezes por telefone e agora [depois da sentença], só falámos duas vezes com ele. Com as meninas [as netas] fala por carta e, às vezes, também me escreve.

Daquilo que ele lhe escreve consegue depreender alguma coisa das condições em que ele se encontra detido? [MC]: Nada. Às vezes, perguntamos a uma senhora nossa conhecida que lá está – que é quem nos envia as cartas do Juan – e ela diz que "dentro do possível" está bem.

As vossas netas deixaram um apelo às entidades para intercedessem pelo pai, pela via diplomática. Gostavam de acrescentar alguma coisa? [MC]: Gostava que alguém pudesse ajudá-lo, mas não sei se é possível.